Sob os signos da exclusão: configurações do corpo, da identidade e do desejo homoerótico em *O filho da mãe*

Under the signs of exclusion: configurations of the body, identity and homoerotic desire in *O filho da mãe*

Giselia Rodrigues Dias[1]

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar a configuração do homoerotismo no romance *O filho da mãe,* de Bernardo Carvalho (2009). Para tanto, será investigado, principalmente,o modo como a escrita ficcional textualiza o corpo, as vivências e a subjetividade gay.A metodologia contempla os estudos teórico-críticos formulados por Foucault (2007), Butler (2001), Woodward (2007), Eribon (2008), dentre outros. Os resultados da análise apontam para uma problematização a respeito do (não)lugar ocupado socialmente por aqueles que destoam da "heteronormatividade".A conclusão a que podemos chegar é que se torna, não apenas necessário, mas urgente dar voz a esses sujeitos estigmatizados, empoderá-los e rechaçar quaisquer formas de abjeção.

Palavras-chave: Ruínas. Amor. Abjeção.

Considerações iniciais

Publicado pela Companhia das Letras em 2009, o romance *O filho da mãe,* de Bernardo Carvalho, é o segundo volume da coleção "Amores expressos", concebida pelo produtor de cinema Rodrigo Teixeira. A ideia deste projeto, segundo Carvalho (2015), consistiu em enviar alguns escritores brasileiros para diversas cidades do mundo, durante um mês, com o propósito de escreverem uma história de amor que tivesse por cenário a cidade visitada.Assim, é predominantemente no espaço desagregador de São Petesburgo, Rússia, nas vésperas da comemoração de seu tricentenário, que a representação estética de uma dolorosa história de amor entre os protagonistas Ruslan e Andrei, emergirá como uma inquietação profunda, dentre outras questões, sobre os extremos de desumanização a que a intolerância ao

Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 89-106, jan./jun. 2018.
Recebido em: 20 jun.. 2017
Aprovado em: 10 out. 2017

corpo/desejo/identidades que destoam dos padrões hegemônicos cristalizados social/histórica e culturalmente pode desencadear.

Sabemos que a identidade, como constata Woodward (2007, p. 9)"é relacional", pois depende "de algo fora dela", para existir. No exemplo trazido pela autora é possível observar uma inquietante indagação feita a um soldado sérvio, em um contexto de guerra na antiga Iugoslávia: "Estou tentando compreender por que vizinhos começam a se matar uns aos outros. Digo, primeiramente, que não consigo distinguir entre sérvios e croatas. O que faz vocês pensarem que são diferentes?"(WOODWARD, 2007, p. 7). Na resposta obtida, aparentemente corriqueira,emerge o aspecto relacional da identidade: "Vê isto? São cigarros sérvios. Do outro lado, eles fumam cigarros croatas" (WOODWARD, 2007, p. 7).

A marcação da diferença entre sérvios e croatas, ocorre através de símbolos, neste caso, os cigarros fumados.Mas, em outras circunstâncias poderia ser a adiposidade do corpo, a cor da pele, a textura do cabelo,ou outros fatores sociais, econômicos, históricos e/ou culturais também estigmatizantes, como, por exemplo, nos protagonistas de *O filho da mãe* avultam a questão do desejo/práticas homoeróticas e o fator da nacionalidade – Ruslan é tchetcheno e Andrei, embora nascido na Rússia, é mestiço, filho de pai brasileiro.Tais aspectos marcadores da identidade destes sujeitos nos processos de alteridade estão diretamente ligados ao desencadeamento daquilo que Kristeva (1982) e Butler (2010) designam "abjeção".

Segundo Kristeva (1982, p. 4) "não é, pois, a ausência de limpeza ou de saúde que torna abjeto, mas aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras. O intermediário, o ambíguo, o misto". Dito de outro modo, o que causa fissura nos padrões hegemônicos social/culturalmente estabelecidos pode conduzir à abjeção, pois "do objeto, o abjeto tem somente uma qualidade – aquela de opor ao eu. O abjeto, [...] objeto baixo, é radicalmente um excluído e me lança lá onde o sentido desmorona" (KRISTEVA, 1982, p. 2).Tal zona de exclusão, domínio do abjeto, na lúcida reflexão de Butler (2010, p. 155), "constitui o limite definidor do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida".

Esta condição excludente, potencializa-se, ou mesmo encontra raízes, dentre inúmeros outros fatores,na descontinuidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual.Como aponta Butler (2010, p. 154):

> [...] as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para

> materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

A discrepância entre os "ideais regulatórios" e outras formas de sexualidades/desejos produz a abjeção, não só à prática sexual, mas ao também aos corpos e às identidades.Há que se destacar, como observa Guacira Louro (2010, p. 25), que diversas instâncias sociais, dentre as quais a família, a escola, a igreja, promovem uma verdadeira "pedagogia da sexualidade e do gênero", pois colocam em situação múltiplas estratégias de governo, complementados através de mecanismos de "autodisciplinamento" exercidos pelo sujeito. Tal eventualidade encontra fundamentos na concepção de uma suposta "naturalidade/universalidade" concebida junto à noção de heterossexualidade: "aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto" (LOURO, 2010, p. 17). Neste pensamento profundamente arraigado na sociedade fundamenta-se e ganha materialidade múltiplos signos da exclusão.

A injúria, por exemplo, "não é apenas uma fala que descreve" (ERIBON, 2008, p. 28). Ela consiste em "um ato de linguagem – ou uma série repetida de atos de linguagem – pelo qual um lugar particular é atribuído no mundo àquele que dela é o destinatário"(ERIBON, 2008, p. 29). Aquele que profere a injúria, segundo o autor, se coloca numa relação de poder em que provoca no outro a dolorosa consciência de sua diferença em relação às normas./padrões socialmente construídos. Em outros termos: "aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente de me ferir". Tal ferimento, embora não deixe cicatrizes explícitas como nas agressões físicas, marca, talvez mais profundamente, a consciência do injuriado.

Para escapar à injúria ou mesmo sobreviver a outras manifestações de violência, físicas e/ou psicológicas, é que Eribon (2008)coloca em destaque diferentes estratégias adotadas pelos indivíduos gays, dentre as quais, o deslocamento para as grandes cidades, a amizade como modo de vida e o armário.Este último, compreendido pelo autor como um lugar/espaço social e também psicológico no qual se trancam os indivíduos que dissimulam a "homossexualidade". Há que sublinhar, entretanto, que este armário, na lúcida acepção de Sedgwick (2000, p. 38), "é de vidro" e por tal motivo, também pode "autorizar" a hostilidade: "jamais teria dito essas coisas se soubesse que você era gay" (SEDGWICK, 2000, p. 38).Nessa relação assimétrica de poder,manifesta-se uma violenta força de exclusão, que conduz à abjeção.

Assim, mais uma vez é oportuno recorrer às reflexões de Judith Butler (2010, p. 171): corpos/identidades "abjetos" são desumanamente tidos, em função da "hegemonia heterossexual", como "corpos que não pesam", pois deixam de contar como formas de vidas e corpos:

> O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2010, p. 155).

Nesse sentido, a possibilidade de restituir o *status* de sujeito a estes indivíduos, torna-se uma das grandes inquietações que se colocam diante de tal constatação. É de Antônio de Pádua Dias da Silva uma das válidas e extremamente pertinentes sugestões:

> [...] discutir não só o texto como artefato linguístico-literário, mas, sobretudo, o texto literário como lócus propício ao debate de ideologias, à polêmica das políticas públicas e a favor dos que não são beneficiados social e culturalmente, à exibição aos leitores das visadas e campos de atuação dos sujeitos que são engendrados culturalmente nas sociedades contemporâneas em que nos encontramos. (SILVA, 2011, p. 139)

Na perspectiva de contribuir com a interpretação positiva e o empoderamento destes sujeitos é que as discussões contidas neste estudo, principalmente no que diz respeito à configuração homoerótica em *O filho da mãe*, se desenvolvem. Para tanto, algumas questões se colocam a fim de nortear as reflexões: como se configuram os sujeitos gays na tessitura da narrativa? Como se dá a textualização da subjetividade, das vivências, das práticas e do desejo homoerótico? Quais os discursos engendrados na constituição destes sujeitos que podem torná-los abjetos? Quais as performances desempenhadas por esses sujeitos nos diferentes espaços de (homo)sociabilidade? Como se constrói, nos processos de alteridade, a identidade desses sujeitos? Em tempos de horror indizível culminado na imagem da guerra, qual a correlação entre sujeito, identidade e espaço em ruínas? Qual o lugar do amor, das práticas e do desejo homoerótico neste espaço desagregador? A estas e outras inquietações buscaremos refletir nas discussões a seguir.

Reflexões sobre a configuração homoerótica em *O filho da mãe*

Estruturalmente, o romance de Bernardo Carvalho se organiza em três partes: "Trezentas Pontes", "As quimeras" e "Prólogo". Os títulos que abrem as duas primeiras seções fornecem importantes chaves de leitura da narrativa. A imagem das pontes, por exemplo, aponta não apenas para a ideia de mobilidade contínua que se assenta na multiplicidade de conexões materiais construídas sobre os cursos de água de um dos principais espaços urbanos representados, São Petesburgo. Para além desta acepção semântica, este signo se desdobra, na materialidade do texto, em um entretecer de fios discursivos que, invariavelmente, ao interseccionarem entre si, estabelecem possibilidades comunicativas diversas com o leitor. É na tentativa de "destecer" alguns destes "fios" que buscaremos, dentre outros recortes possíveis, compreender o modo como o homoerotismos e configura.

A situação inicial construída no romance traz como indicação temporal no título que abre o primeiro capítulo, as vésperas das comemorações do tricentenário de São Petesburgo – "Abril de 2003". Essa indicação de um momento sócio-histórico específico será de fundamental importância para situar e interligar os eventos, aparentemente desconexos,pulverizados na narrativa.

Desse modo, o enredo se inicia a apresentação dos fragmentos de um diálogo estabelecido entre duas personagens – Iúlia Stepánova e Marina – que, após quarenta anos, se reencontram em uma organização humanitária denominada "Comitê das mães de soldados de São Petesburgo". A aproximação entre ambas,neste contexto, estabelece-se por meio de uma profunda dor ligada à sensação de perda: Marina, voluntária no Comitê, perdera o filho caçula – Pável - que cometera suicídio após ter lutado dois anos na Guerra da Tchetchênia; Iúlia que, impossibilitada por uma doença, nunca tivera filhos, dirige-se à organização em busca de auxílio a Vássia – filho mais velho do casal com quem divide o apartamento –internado há uma semana em um hospital, após ter sido brutalmente espancado pela polícia, após ter retirado do ar um site de agência do governo.

O diálogo entre Iúlia e Marina,entrecortado por repetidas escamoteações temporais,torna-se extremamente revelador, pois permite entrever algumas das tensões que serão potencializadas no romance: em meio às tentativas de reconstrução da cidade de são Petesburgo, em função das festividades de seu aniversário, e à solidariedade das mães de soldados, vislumbra-se, como uma fissura intransponível, a imagem da destruição,da

barbaridade, do horror indizível e da abjeção, culminada na imagem na morte.Nas palavras de Marina à Iulia:

> - Há dez dias, um rapaz de dezenove anos foi morto, em missão, nas montanhas ao sul de Grózni. Há seis meses, Deus me deu a chance de salvá-lo. - Ela tira um papel da bolsa e o estende a Iúlia. – e eu perdi essa chance. Eu o deixei sozinho. Não podia tê-lo deixado sozinho. Só recebi a notícia hoje pela mãe. Foi reconhecer o corpo do filho, em Rostov.
> Iúlia desdobra o papel e lê em silêncio: "Escrevo como o louco que não pode parar de cantarolar sua ladainha sem sentido, nem que seja para não ouvir o ruído do mundo, falar só, mais alto que o mundo. Escrevo para o caso de você decidir voltar, para assombrar esta cidade. É a mais artificial de todas as cidades. Em três séculos, tentaram três nomes, em vão. Um nome por século. Construíram trezentas pontes, uma para cada ano, mas nenhuma leva a lugar nenhum. Ninguém nunca vai sair daqui".
> - É Petesburgo – diz Marina. – É uma carta de amor. (CARVALHO, 2009, p. 21-22)

O capítulo se encerra com a transcrição desta sugestiva carta "de amor" supostamente destinada a alguém que, havendo partido, escolhesse voltar e "assombrar a cidade". Esta, por sua vez,identificada por uma das interlocutoras como São Petesburgo. As lacunas advindas da brevidade do relato desencadeiam uma série de questionamentos no leitor: Quem seria esse jovem soldado morto? O que o teria levado a combater em Grózni? Em relação à carta, quem seria o suposto destinatário e por que teria deixado cidade? Em meio a tais indagações o que fica latente é a ideia de um *continuum* opressor arraigado neste espaço urbano desagregador: mudam-se os nomes, proliferam-se as possibilidades de mobilidade física/geográfica, mas o que prevalece é a noção de uma insolubilidade profunda que não oferece escape ou saída aos sujeitos.Que elementos opressivos/obstrutivos convergiriam para tal insolubilidade? Qual a correlação entre a constituição de tal espaço e as vivências/identidades destas personagens enigmáticas?

A tentativa de esboçar possibilidades para estas e outras indagações encontra viabilidade nas pistas sugeridas por um narrador que não participa, enquanto personagem, do universo diegético em questão. Embora haja a opção estética/narratológica de uma voz narrativa em terceira pessoa, a pulverização de olhares/focalizações cedidos às personagens nos diversos capítulos que constituem as três partes, confere à narrativa uma imagem caleidoscópica. A essa disseminação de focalizações corresponde uma intrincada fragmentação temporal/espacial.

Por meio destas idas e vindas temporais,ganha relevo a configuração das personagens principais que, saberemos mais tarde, serem destinatário e remetente da carta mencionada:

Ruslan e Andrey. É no processo de composição desses sujeitos ficcionais avultam-se a subjetividade, o desejo e as práticas homoeróticas em um conturbado contexto obscurecido pela barbárie da guerra e pelo horror da intolerância ao diferente.No romance a abjeção é construída e potencializada desde o seio familiar.

Tchetcheno, nascido em Grózni, a reconstituição do fio da vida de Ruslan, por exemplo, o apresenta para o leitor, já na primeira parte da narrativa como um sujeito marcado pela exclusão. Rejeitado pela mãe desde a gestação e efetivamente abandonado por ela antes que completasse dois meses de idade, Ruslan encontrando amparo na figura do pai e da avó paterna, até que destruição provocada pelos bombardeios no início da II Guerra da Tchechênia – 1999-2003– culmina na morte de Chakhban, seu pai, e na expatriação dos sobreviventes – avó e neto – para um campo de refugiados na Inguchétia. É neste mesmo campo que o protagonista terá de lidar com a dor da perda da avó e, cumprindo o último desejo da falecida, parte para São Petesburgo, onde trabalhará na reconstrução da cidade para as comemorações do tricentenário.

Em meio a tais eventualidades, a noção de ruínas ata-se aos estilhaços identitários desse sujeito e imprime marcas profundas em suas correlações com o outro, especialmente nas experiências amorosas:

> [Ruslan] sonha como a primeira noite que passou com Akif nos trilhos abandonados do trem, em Grózni. A ameaça de serem descobertos, associada ao perigo dos bandidos e ao risco de serem alvejados, dava afinal um sentido heroico e rebelde à juventude que não viveram por causa da guerra. Tinha dito à avó que dormiria na casa de um amigo de faculdade. E acabou passando a noite num vagão abandonado, como se nada ao redor tivesse importância, como se não estivessem no epicentro da guerra – ou melhor, como se estivessem imunes a ela ou fossem capazes de decretar uma trégua simplesmente por estarem juntos. De alguma forma, Ruslan passou a associar o amor ao risco e à guerra, porque não conhecia outra coisa. Associou o sexo à trégua (o desejo deixava a realidade em suspenso) e o amor à iminência da perda. E daí em diante só conseguiu amar entre ruínas. (CARVALHO, 2009, p. 38)

Os escombros que caracterizam o espaço físico das relações homoeróticas entre Ruslan e Akif são reveladoras da abjeção a que o desejo, as práticas homoeróticas e a identidade destes sujeitos são relegadas.Segundo Butler (2001) sujeitos são predestinados a corresponder sexo biológico à identidade. Quando ocorre uma descontinuidade tem-se um corpo que não "pesa"/abjeto, como é o caso das personagens em questão: corpos/identidades

abjetos em um espaço que também é abjeto. Daí a ausência de produção discursiva, pelo próprio sujeito, a respeito desta relação entre rapazes.

Ruslan chega a falar para a avó sobre Akif, como um amigo, mas a materialização do amor e do desejo entre ambos são escamoteados. Mas éa evocação memorialística,por meio de uma dimensão onírica, que traz à tona tal evento ao leitor. A dolorosa consciência desta invisibilização/exclusão social conduzirá este protagonista, não só à constante associação da ideia de amor às ruínas, mas a diversas estratégias de autodefesa/sobrevivência em um território que se manifesta extremamente homofóbico e opressor:"Qualquer tchetcheno a quem se fizer a pergunta dirá que não há homossexual na Tchetchênia. E talvez por isso Ruslan e Akif não tenham sido vistos durantes os meses em que se encontraram nas ruínas do prédio da escola de medicina. Porque eram invisíveis" (CARVALHO, 2009, p. 35).

Marcado por esta profunda estigmatização é que Ruslan,manterá no "armário" sua identidade, desejo e práticas homoeróticas. Já Akif, precocemente é destruído pela guerra. Soma-se a esta perda irreparável a morte da avó.A busca de escape e um possível reencontro com a mãe biológica – Anna –levará Ruslan a seguir as pistas fornecidas pela avó e se deslocar para São Petesburgo. Neste espaço urbano que também se manifesta extremamente retrógrado e desolador, experimentará a rejeição, a violência e outra, não menos conturbada, relação amorosa. Desta vez, o alvo de investimento afetivo será Andrei, cujo entrecruzar de fios de vida será reconstituído no segundo capítulo, intitulado "As quimeras".

A imagem da quimera enquanto "monstro híbrido" (GUEBRANT; CHEVALIER, 2002, p. 763) sé emblemática na configuração da abjeção dos corpos e das identidades destas duas personagens, como se discutirá posteriormente.Ora, se a identidade como afirma Woodward (2007, p. 9) é "marcada pela diferença" e a "diferença é sustentada pela exclusão", embora Ruslan assuma performances masculinas nos espaços de sociabilidade, em São Petesburgo, um traço identitáiro quenão só corrobora, como acentua a sua exclusão/expurgação da sociedade: é a nacionalidade:"[Ruslan] não é alto nem baixo, tem cabelos pretos, um pouco encaracolados e brilhantes, e olhos escuros. A barba é espessa, mas cortada rente ao rosto. [...] pelo sotaque [...] diria que ele é do Cáucaso, embora expresse com fluência e num russo gramaticalmente impecável. (CARVALHO, 2009, p. 55)

O sotaque de Ruslan aparece, de forma reiterada, como um dos elementos que marcam, nos processos de alteridade, a sua estigmatização em relação aos russos. Esta condição de "estrangeiridade" também será um fator constituinte da identidade do outro

protagonista, Andrei.Embora nascido na Rússia, ele é mestiço, filho de mãe russa e pai brasileiro. como traços potencializadores da exclusão, soma-se a este aspecto,os desejos e as práticas homoeróticas. Recorrendo a Foucault (2007),podemos reiterar que as normas são fruto de produções discursivas. Logo, o que escapa é associado à abjeção. Nesse sentido, o que se tem inicialmente no capítulo que abre a segunda parte do romance, é o delineamento da imagem de um jovem que fora expulso da casa pelo padrasto – Nikolai – e obrigado a ingressar-se no serviço militar, para que o seu corpo e a sua identidade "desviantes" fossem moldados:

> Foi Nikolai quem impediu que Andrei fosse liberado do exército, quando já tinham arrumado a dispensa médica, o que não foi difícil para um garoto especial, como ele, que falava com as paredes. Nikolai disse que a dispensa ia contra os seus princípios e que, na ausência de Alexandre [pai de Andrei] agiria como pai. Numa das brigas que tiveram, depois de Andrei sair de casa e deixar de procurá-la, quando Olga chegou a pensar que seu casamento estivesse por um fio, Nikolai lhe disse: "O exército é necessário. Endurece as pessoas, forja o caráter. Um homem não sobrevive à Rússia se não passar pelas forças armadas. Faço isso por ele". (CARVALHO, 2009, p. 115)

Nessa perspectiva o exército se afigura como espaço extremamente disciplinador, pois desenvolve diferentes estratégias de policiamento/"pedagogização" como mecanismos de rigor para moldar o corpo e a subjetividade. Nos termos de Foucault (1987, p. 127) "a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis".A busca de tal "docilidade", forçada pelo padrasto de Andrei, coloca em evidência intensa força de exclusão. Ora,se o corpo desta personagem não performatiza aquilo socialmente espera-se de um garoto e, por tal motivo, precisa ser moldado, o que se tem é aquilo que Butler (2010), como discutiu-se anteriormente, denomina abjeção. A consciência desta força repulsiva deixa cicatrizes profundas na consciência deste sujeito e acentua o seu estado de solidão:

> Mesmo se tivesse permissão, não se atreveria a ligar [para a família], correndo o risco de ter que falar com o padrasto, no caso de ele atender. As cartas que escreve eventualmente, à noite, não passam de exercícios de comunicação, para não perder a prática, já que não pode enviá-las. Vai rasga-las de qualquer jeito. Não conversa com ninguém. Não fala nem mesmo com as paredes, um vício de infância ao qual costumava recorrer, quando estava só em Vladivostok, mas que interrompeu, providencialmente, nem que tenha sido por um espírito igualmente inconsciente de sobrevivência, quando chegou ao quartel. (CARVALHO, 2009, p. 97-98)

Aceito no quartel, Andrei continua a ser reconhecido como diferente. Motivo este que o torna alvo de injúria dos demais soldados. Como lembra Eribon (2008, p. 28) "a injúria me faz saber que sou alguém que não é como os outros, que não está na norma. Alguém que é *viado*[*queer*]*:* estranho, bizarro, doente. Anormal". O poder de destruição desse ato de ferir o outro reside não apenas nas agressões verbais, mas engloba outras formas de manifestação que compõem o que Eribon (2008) designa "horizonte linguístico da hostilidade". Nas palavras do autor, "tanto a fofoca, a alusão, a insinuação, as palavras maldosas ou o boato quanto a brincadeira mais ou menos explícita, mais ou menos venenosa. Pode ser lida ou ouvida simplesmente na inflexão da voz, num olhar divertido ou odioso" (ERIBON, 2008, p. 64). A exposição de Andrei a uma circunstância semelhante pode ser observada na seguinte passagem:

> O soldado na guarita sabe muito bem aonde é que ele vai (é possível que também tenha sido obrigado a passar pela mesma humilhação quando recruta) e não perde a oportunidade de fazer uma gracinha. Andrei finge que não ouve. Os rumores correm à boca miúda entre soldados e oficiais do regimento. A asneira foi ter retrucado, a sério, que era o único filho varão de sua mãe e, portanto, arrimo de família [...] o que no início pode não ter passado de provocação se transformou em represália. Desde então nunca mais teve paz. Se tivesse ficado calado, e se resignado à bazófia do capitão, possivelmente não teria sido selecionado para uma missão como esta, forçado a arrecadar verbas para completar o salário dos superiores e sustentar o quartel falido. (CARVALHO, 2009, p. 98)

A ridicularização do corpo excêntrico/não hegemônico força, nesse momento,o *coming out,* isto é, a retirada do armário de Andrei. Essa correlação de poder coloca esse sujeito numa posição de abjeção.Todavia, ao contrário do que se poderia esperar de um espaço extremamente repressor como o exército, já que este representa simbolicamente a vigilância, o que se tem no lugar da interdição do corpo, do desejo e da sexualidade é uma desumana exploração sexual do recruta, por parte dos superiores, a fim de angariarem fundos para a instituição. Coagido a se prostituir, Andrei desloca-se do quartel para o "arranjado" encontro com um oficial da reserva: "é o recruta quem terá de arcar com o ônus de chegar até o ponto de encontro e voltar para o quartel, com dinheiro, durante o horário de funcionamento do transporte público. Andrei sabe o que o espera. É a primeira vez, mas não é difícil imaginar. Procura não imaginar" (CARVALHO, 2009, p. 99).

A sugestão do narrador é de que esta seja uma prática já recorrente no exército. É, por exemplo, no momento em que Andrei exige, antecipadamente, o pagamento do programa, que se tem do oficial a seguinte inquietação: “do que é que o sargento Krássin tem medo? Que eu não pague? Ou será que não confia no material que mandou desta vez?” (CARVALHO, 2009, p. 104). Assim, a falência desta instituição expõe à crítica os próprios pressupostos que fundamentamseus mecanismos de disciplinamento e exclusão. O dinheiro recebido como troca nesta comercializável relação, tão logo cai nas mãos de Andrei é levado por um ladrão:“é neste instante de lapso, distraído nas cercanias da praça Vosstânia, negligenciando as instruções do sargento [...] que uma força saída do escuro, como uma rajada de vento, arranca as notas da sua mão” (CARVALHO, 2009, p. 106).

Tal eventualidade o leva a esquivar-se do quartel e procurar auxílio junto ao Comitê das Mães de Soldados de São Petesburgo. Na figura de Marina, profundamente comovida pelo suicídio recente do filho Pável, Andrei encontra abrigo e tentativa de proteção. Entretanto, mesmo acolhido no apartamento de Marina, uma estranha obsessão o move a perscrutar continuamente algumas ruas e becos de São Petesburgo, no encalçodo ladrão.De modo que, o reiterado processo de perseguição traz à tona aquilo que Certeau (2009, p. 179) denomina “enunciação pedestre”, isto é, a legibilidade do espaço urbano pelo olhar do caminhante.

Esta experiência urbana em Andrei é, profundamente, marcada pela subjetividade gay. Os constantes deslocamentos geográficos que a princípio consistiriam numa improvável restituição do dinheiro furtado, acabam por revelar um intenso deslocamento afetivo. De modo que a contínua perseguição ao “batedor de carteiras”, não só revela o angustiante estado de solidão desse sujeito, como manifesta um desejo latente pelo outro, ou na lúcida acepção de Foucault (1981, s/p) um “desejo-inquietação”, pois “desejar rapazes é desejar relações com rapazes”. É interessante notar que nessa busca constante pelo outro,subjazem os furtivos encontros/desencontros e estes ganham contornos de uma espécie inusitada de jogo de sedução. Em um destes momentos, tem-se, por exemplo, a seguinte situação:

> O que diriam um ao outro, aqui não tem mais nenhuma função. A comunicação é paralela às palavras, está subentendida nos gestos. Enquanto o segura por trás, apertando o pescoço num golpe que o sufoca, o ladrão aproxima os lábios da orelha esquerda do recruta. Mas, desta vez, não lhe sussurra nada. Basta a respiração. Andrei não reage. A mão com que chegou a tentar se desvencilhar do ladrão agora apenas o toca, está pousada sobre sua coxa. Sente a pressão no pescoço ceder e experimenta girar a cabeça

> devagar dentro da chave de braço do batedor de carteiras até seus lábios entreabertos estarem na mesma altura. Uma nova consciência se instaura entre os dois. Há um reconhecimento, um lapso de desconfiança e hesitação. (CARVALHO, 2009, p. 124-125)

Por meio dessa linguagem eivada de erotismo, aqui se efetiva o entrecruzar dos fios de vida de Andrei e Ruslan. Este último, saberemos posteriormente na estruturação do enredo,em meio a sussurros,ser o batedor de carteiras. É interessante notar como, neste excerto, a ausência de palavras, os toques, a respiração, os lábios entreabertos, revelam nesses sujeitos a latência do desejo, a carência sexual/afetiva e a consciência da solidão. Ora, se o "desejo é vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir – aniquilar" (BAUMAN, 2004, p. 12), as interdições dessa pulsão homoafetiva, principalmente nos espaços públicos da pólis, potencializa o vazio existencial desses sujeitos e os levam a buscar espaços em ruínas para a completude afetiva/sexual:

> Quando não há mais nada, há ainda o sexo e a guerra. O sexo e a guerra são o que todo homem tem em comum, rico ou pobre, educado ou não. O sexo e a guerra não se adquirem. A ideia de uma vulnerabilidade maior que a sua lhe desperta o amor. Para Andrei, ao contrário, a euforia silenciosa vem da descoberta e da estranheza, da novidade de intuir que ali, de alguma forma, em meio ao resta do mundo perdido à sua volta, compartilha a memória afetiva do homem ao seu lado. E que assim está menos só. O pau duro do ladrão lhe assegura o seu próprio desejo. A guerra os assombra. Como recordação para o ladrão, que precisa fugir do passado, e como ameaça para o recruta, que tenta evitar o futuro. Por um instante, estão juntos no presente. Andrei se aproxima e desabotoa as calças do batedor de carteiras. Quatro horas depois, quando abrir os olhos, ele já não está ao seu lado. (CARVALHO, 2009, p. 139)

Em um contexto chamado a caracterizar por Bauman (2001, p. 8) como "nosso líquido mundo moderno, cuja fragilidade dos laços afetivos e a "falta de compromisso" promovem a "facilidade do desengajamento e do rompimento (a qualquer hora)", tão logo Andrei acorda após a intensa experiência amorosa nos escombros de um armazém, Ruslan, já se esvaiu. Todavia, em Andrei, o "desejo-inquietação" (FOUCAULT, 1981, s/p)somado à "descontinuidade do ser" (BATAILLE, 1987, p. 10), o faz buscar novamente um instante de completude/continuidade, não encontrado, por exemplo, no "arranjado" oficial de reserva, mas sim com o ladrão. Logo, a nova "perseguição" de Andrei a Ruslan será decisiva no que diz respeito a uma inseparabilidade entre ambos, mesmo porque, "[Andrei] imagina o que ele

tem a perder. O amor é o que ele tem a perder. O amor e a guerra se confundem na sua cabeça, como na do ladrão. Imagina e deseja que tudo não esteja perdido" (CARVALHO. 2009, p. 157).

É curioso observar como essa associação da imagem do amor à guerra traz indícios de um desfecho profundamente trágico. Andrei chega a ajudar Ruslan oferecendo abrigo no apartamento de Marina. Mas é ainda uma última tentativa de aproximação da mãe, Anna, que o abandonara quando bebê e o rejeitara veementemente nas reiteradas vezes em que a procurou em São Petesburgo, que o torna vítima fatal de uma emboscada premeditada pelo próprio irmão,Maksim, filho mais velho de Annacom o então marido,Dímitri.Espreitado por Dmítri e Maksim, um vândalo, *skinhead,*como um suposto amante cáucaso de Anna, Ruslan é alvo de um ódio exacerbado:"Dmítri nota o sotaque. O operário é do Cáucaso. É ainda mais humilhante que ele não seja russo" (CARVALHO, 2009, p. 85).

Esse grande equívoco encontra fundamentos no silêncio nutrido por Anna sobre a existência de um filho tchetcheno abandonado. Tardiamente, Anna revela o segredo à família, mas para Maksim "um irmão do Cáucaso é pior do que morrer, do que nascer cego ou preto" (CARVALHO, 2009, p. 174). Assim, ajudado pelo pai, Maksimatrai Ruslan por meio de uma carta que supostamente teria sido enviada por Anna e no beco de São Petesburgo onde possivelmente aconteceria o reencontro entre mãe e filho desencadeia-se a violenta ação:

> Conforme fala, Maksim se afasta de Ruslan, sai do cerco formado pelos companheiros. Quando passa por um dos rapazes armados, faz um sinal com a cabeça. Os cinco se aproximam de Ruslan. Com os braços sobre a cabeça, ele se protege como pode dos golpes que lhe desferem, enquanto gritam injúrias em nome da pureza do sangue e da pátria. Cai de joelhos já no quinto golpe, segurando o braço deformado pela pancada. Sua queda é acompanhada de um uivo, e os cinco avançam com mais ímpeto, sem medo. As barras de ferro o atingem na cabeça e nas costas. Um filete de sangue escorre pelo ouvido enquanto o corpo desaba no chão. Dmítri acompanha, impassível, o espancamento. Em meio aos golpes, ouve-se um grito que vem de fora, de alguém que chama pela polícia. (CARVALHO, 2009, p. 178)

As palavras nos tornam escassas diante de talindizível horror. Os gritos são de Andrei que, num gesto grandioso de humanidade, impossibilitado de salvar Ruslan dos ferimentos fatais, coloca sobre seu cadáver o próprio passaporte: tudo de que Ruslan outrora precisava para escapar deste espaço opressor.Antes de partir para o encontro catastrófico, Ruslan,

juntamente com uma concha que ganhara de Akif, deixa uma elucidativa carta a Andrei e ao leitor:

> Quando eu era pequeno, viajando pelas montanhas com o meu pai, para conhecer a terra dos seus antepassados, passamos por uma casa onde havia nascido um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamam quimera, como depois eu ia aprender na faculdade. [...] As quimeras são raras e os pastores nas montanhas as veem como portadoras de mau agouro, porque põem a reprodução num impasse, fazem da reprodução uma monstruosidade. Por isso, quando esses animais não morrem ao nascer, os próprios camponeses se encarregam de lhes dar fim. Nas montanhas, todo homem tem um *Kunak,* um amigo estrangeiro que o salvará da morte e que ele também tem a obrigação de salvar. Nenhum homem será completo enquanto não encontrar o seu *Kunak.* Só então poderá seguir o próprio caminho em paz, sabendo que existe no mundo alguém, como ele, com quem ele pode contar na vida e na morte. As quimeras morrem para que sobreviva o pacto dos que não podem contar com Deus nem com os anjos. (CARVALHO, 2009, p. 161)

As imagens do *Kunak* e da quimera encontram ressonância nas histórias de vida e de amor de Ruslan e Andrei. A relação de afeto e proteção que se fortalece em um espaço tão hostil é, simbolicamente,representada pelo *Kunak*e selada pela figurada concha. Os protagonistas tentam se proteger mutuamente, mas força da exclusão, arraigada socialmente se instala com implacável violência. Nesse sentido, a quimera, pela monstruosidade e tragicidade que encerra metaforiza a abjeção.Aos corpos/identidades anti-hegemônicos, assim como aos seres híbridos que destoam dos demais animais, reservam-se a destruição.Como sugere esta reflexão, a vida de Andrei não poderia ter um fim menos trágico que a de Ruslan.

O epílogo traz ao leitor a sugestão de que Andrei fora novamente capturado como recruta pelo exército. A escamoteação temporal de dez dias após o assassinato de Ruslan, situa os eventos narrados no momento em que Andrei, em meio a um sórdidocombate nas montanhas ao sul de Grózni, é morto por outro soldado próximo ao curral onde havia nascido uma quimera:

> Num gesto intempestivo, o outro recruta faz uso de sua arma pela primeira vez e dispara. Andrei cai. Dois soldados e o motorista tchetcheno correm para o curral, ignorando o corpo do recruta caído na lama. Quando chegam, a mulher (que teve um filho pequeno assassinado pelos soldados) está parada, segurando a espingarda, diante de um animal disforme e morto, um bezerro recém-nascido, ao mesmo tempo peludo e pelado, com diferentes padrões e cores de pelo espalhados pelo corpo, como uma colcha de retalhos. Uma quimera, mistura de dois embriões, portadora de mau agouro.

> - O filho-da-mãe – ela diz, desvairada, enquanto a vaca lambe, bovina, a cria morta. (CARVALHO, 2009, p. 1999)

A exposição crítica dessa inversão de significados que atribui humanidade à vaca que "lambe a "cria morta", potencializa a abjeção na dolorosa imagem de Andrei sem vida, caído na lama e ignorado pelos soldados. Mais uma vez podemos recorrer àKristeva (2006, p. 4), quando afirma que "o cadáver [...] é o cúmulo da abjeção. É a morte infestando a vida. Abjeto ele é um rejeitado do qual não dá para se separar, do qual não dá para se proteger como se faria com um objeto. Estranheza imaginário e ameaça real, ele nos chama por nos devorar".

Assim, quando estes corpos "abjetos" são expurgados da sociedade, ironicamente a voz narrativa revela a sensação de "limpeza" que impera no discurso dos "defensores" da moral, da família, da pátria e da liberdade:

> Dmítri pensa em sua família. [...] só Deus sabe o que foi preciso para manter a família unida durantes todos estes anos. [...] em alguns meses quando a poeira baixar, quando tudo for esquecido, Maksim [que está de partida para Nova York] poderá voltar para Petesburgo sem o risco de ser acusado de nada e eles viverão novamente em paz, como quando os meninos eram pequenos. (CARVALHO, 2009, P. 183)

Hipócrita, dissimulado,defensor de uma esfacelada ideologia de família e paz. Esse discurso corroído em suas bases coloca em questão o quanto estes signos da exclusão se projetam para além das páginas da ficção.Noticiários recentes, por exemplo, denunciam perseguições, prisões secretas e assassinatos de gays no território da Tchetchênia. O contra-argumento do líder tchetcheno a respeito de tais acusações é o que se transcreve a seguir:

> Não se pode deter ou perseguir quem simplesmente não existe na nossa república. Se na Chechênia houvesse essa gente, os órgãos de segurança não teriam que se preocupar com eles, já que seus próprios familiares os enviariam a um local desde onde nunca retornariam", declarou AlviKarimov, o porta-voz do líder checheno [RamzanKadyrov] (HORTA, 2017, s/p)

Em contraponto a este discurso que destila ódio e homofobia, "os testemunhos das vítimas falam de confinamentos em condições sub-humanas, torturas com choques elétricos, violações com garrafas, desaparecimentos e mortes" (HORTA, 2017, s/p). Logo, trazer à tona a questão do homoerotismo na perspectiva de "reafirmar o direito que têm os sujeitos homoeroticamente inclinados de ver seus modos de amar e fazer amor respeitados, ao mesmo

título que aqueles heteroeroticamente orientados" (COSTA, 1992, p. 39), torna-se não apenas urgente, mas extremamente necessário.

Considerações finais

A reflexão desenvolvida sobre alguns aspectos relacionados à configuração homoerótica no romance *O filho da mãe,*de Bernardo Carvalho (2009), buscou evidenciar, principalmente, o quanto os signos da exclusão, para além do texto ficcional,ainda estão arraigados e disseminados socialmente.Em contraste às trezentas pontes construídasno espaço urbano predominantemente representado no desenrolar dos fatos – São Petesburgo–tem-se, numa dimensão simbólica, a ausência de saída ou mesmo de escapeao preconceito e à abjeção.

A exposição crítica desta discrepância entre a constituição do espaço físico e as relações sociais que ali se estabelecem ganha contornos expansivos quando a voz narrativa atribui protagonismo a dois sujeitos duplamente estigmatizados: ambos marcados pela "estrangeiridade" e gays. São verdadeiros "filhos da mãe", pois sequer encontram proteção na figura materna.Assim, movidos por um profundo vazio existencial,pelo desejo latente, pela carência afetiva e pela consciência da solidão, é que as perambulações pelas desoladoras ruas e becos da grande metrópole propiciarão, sobretudo,a estes personagens aquilo que Eribon (2008, p. 38) denomina "ver a si mesmo no outro".

A relação amorosa construída entre ambos, embora breve pela fatalidade que ceifa tão precocemente as suas vidas, é chamada a caracterizar,não apenas pela completude sexual, mas principalmente pela partilha de dor, pela afetividade e tentativas de proteção. Tal modo de vida causa uma profunda fissura nas normas "heteronormativas" social/historicamente estabelecidas. Por tal motivo, tais corpos/identidades anti-hegemônicos se tornam abjetos, isto é, deixam de contar corpos e são, efetivamente,expurgados da sociedade.

Em nome da manutenção da paz, da ordem, da família, da pátria e da liberdade, Ruslan e Andrei são brutalmente assassinados. Da mesma forma em que a quimera metafórica, segundo o imaginário dos pastores, precisa ser destruída para impedir o mau agouro, os dois protagonistas tragicamente morrem para que venha à tona os discursos esfacelados, as instituições falidas, a hipocrisia humana e, além de tudo, a necessidade e urgência de contribuir, como intentou-se neste estudo, com a restituição da humanidade a estes sujeitos.

ABSTRACT: This study aims to analyze the configuration of homoeroticism in the novel*O filho da mãe,* byBernardo Carvalho (2009). Thus, we will investigate, mainly, the way in which the narrative textualizes the body, the experiences and the gay subjectivity. The methodology considers the theoretical presupposes formulated by Foucault (2007), Butler (2001), Woodward (2007), Eribon (2008), among otherauthorsandcritics. The results of the analysis point out to a problematization about thesocial space occupied by those people who don't fit the "heteronormativity". The conclusion that we can get to is that still becomes, not only necessary, but urgent to give voice to these stigmatized subjects, to empower them and to reject all forms of abjection.

Keywords: Ruins. Love. Abjection.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erotismo.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

CARVALHO, Bernardo. Entrevista concedida a Adriana Vichi. em 26-10-2015. http://www.diariodaregiao.com.br/blogs/entrelivrosepalavras/entrevista-com-escritor-bernardo-carvalho-1.375787

_____. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano***:* 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 157-198.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício:** estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAUT, Michel. *De l'amitiécommemode de vie.* Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. leBitoux, publicada no jornal **GaiPied,** n. 25, abril de 1981, p. 38-39.

_____. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Vigiar e punir***:* nascimento da prisão. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

HORTA, Juan José. **Ativistas LGBT russos evacuam 43 gays da Chechênia e pedem asilo para eles**. Disponível em: https://www.efe.com/efe/brasil/sociedade/ativistas-lgbt-russos-evacuam-43-gays-da-chechenia-e-pedem-asilo-para-eles/50000246-3270516. Acesso em 10-08-2017.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SEDGWICK, EveKosofsky. **Betweenmen**. Englishliteratureand male homossocialdesire. New York: Columbia University Press, 2000.

_____.**Epistemologyofthe closet**. California: UniversityofCalifornia Press, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.